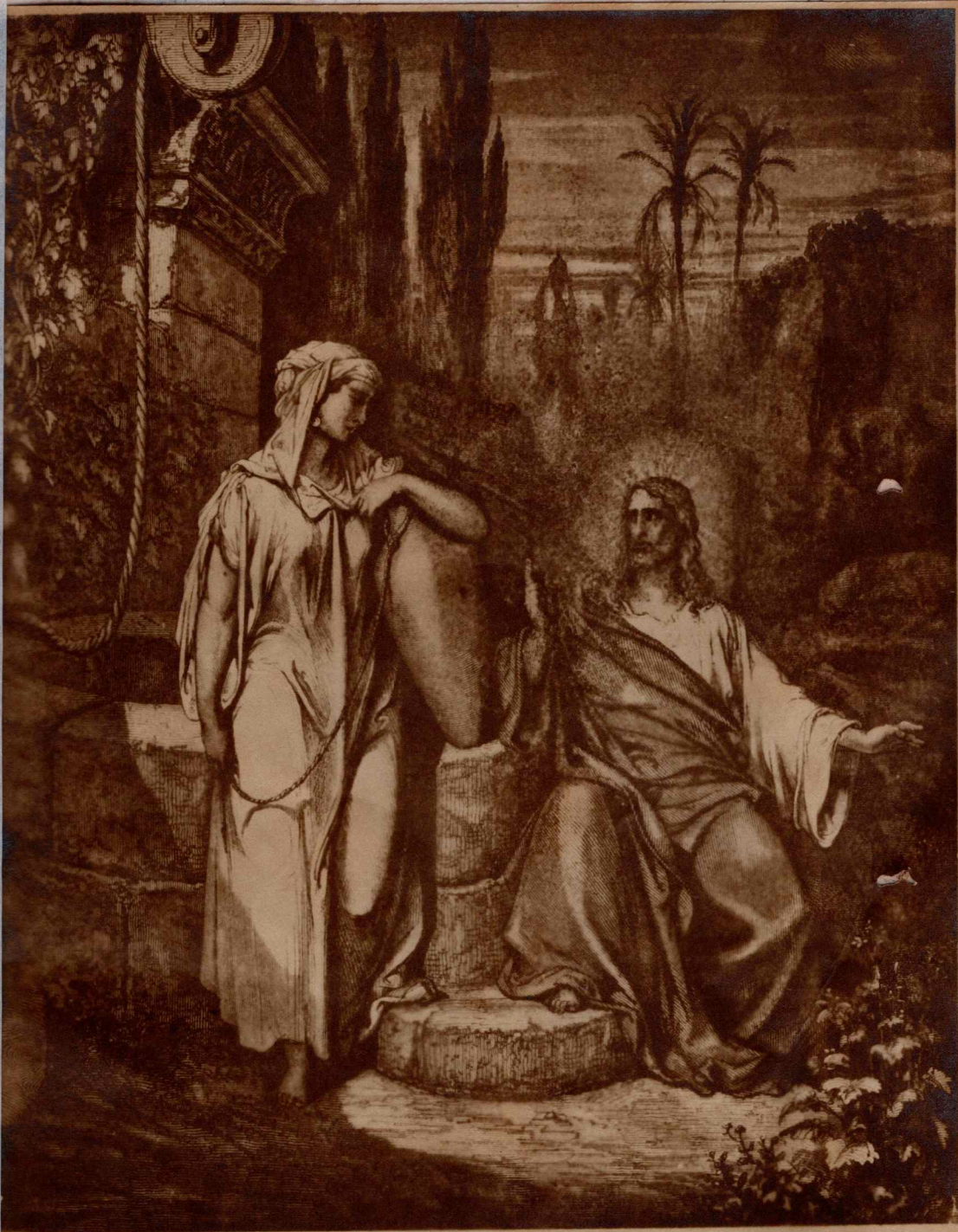


≡ **Cruz** ≡
Vermelha Brasileira

•
TURMA DE SAMARITANAS
DE
1942

•
ORAÇÃO DE
ALTAIR BARBOSA MAGGESSI

A menina Virginia, sobrinha afetuosa de



JESUS E A SAMARITANA

I. Altair Nagisi. Oradora da turma



Apreitada Virginia, lembrança afetiva de
Atari.

11.11.42.

Exmo. Sr. Ministro Oswaldo Aranha.

Exmo. Sr. General Ivo Soares.

Exma. Sra. Dona Darcy Vargas.

Senhores.

Nos primórdios da grave situação em que ora se encontra o nosso país, procuramos diligentemente ingressar, como alunas, no Curso de Samaritanas, instituído e mantido pela "CRUZ VERMELHA BRASILEIRA", no propósito de nos habilitarmos para prestar, quando necessários, serviços à Pátria, com eficiência, desinteresse e abnegação, pois prevíamos com a sensibilidade da nossa intuição filial, o advento do momento dela exigir de todas nós o esforço máximo, compatível com a capacidade de trabalho de cada uma no interesse da coletividade.

E assim, olhos fitos nesse altruístico e nobre ideal de fraternidade, tivemos a ventura de constituir a turma de Samaritanas de 1942, que hoje chega, ufana, ao término dos seus trabalhos, depois de árdua e afanosa lide, travada em lugar incerto e hora indeterminada, sujeitas, por vezes, a intempéries, com sacrifício da saúde, do conforto e dos cuidados do lar.

Tudo fizemos com estóica serenidade, porque, no nosso espírito de brasileiras, sobrelevam aos ponde-

rosos interesses pessoais os imperativos irrefragáveis da honra e da existência da nossa terra natal.

Os tranquilos e bonançosos dias de paz, extinguiram-se na devastadora voragem que ameaça derrocar os primores da civilização contemporânea, abalando a estrutura social nos seus mais profundos alicerces.

Tudo periclita. É tempo de se viver sómente para a Pátria, de se lhe dar tudo o que se pode; e, mesmo mais do que se pode.

A religião sublime do patriotismo, nascida da nossa afinidade espiritual e racial, que nos reúne em torno da imagem da Pátria, sob o docel da moderna democracia — ativa, dinâmica, em marcha incessante e acelerada para a conquista da felicidade humana — essa religião preceitua, que se apure, num esforço contínuo, a nossa capacidade de trabalho, exercendo sobre ela permanente vigilância, a-fim-de se poder mantê-la cada vez mais produtiva.

Para isso, num exame de consciência, no fim de cada dia, devemos questionar a nós mesmas:

Dei hoje, porventura, tudo quanto pude à minha Pátria?

A denominação da nossa instituição e os princípios diretores que orientam sua atividade, teem fundamento em duas enternecedoras parábolas dos evangelhos — de São João e de São Lucas.

Quando Jesús, para esclarecer o sentido da expressão — **ao teu próximo** — contida no preceito divino

— **amarás o teu próximo como a ti mesmo** — formulou a parábola do **Bom Samaritano**, contando que um filho de Samaria socorrera um homem de outra religião e pertencente à raça inimiga da sua, mostrou que a "verdadeira caridade há de ser compassiva, sem exceção de pessoas, e ativa, revelando-se sempre em obras".

Quando o filho de Deus, ali às bordas do "Poço de Jacob", situado na íngreme encosta nordeste do monte "Garizim", revelou a Fotina (uma samaritana assim denominada por Edmond Rostand) que **os verdadeiros adoradores não de adorar o Pai em espírito e verdade**, proferiu, segundo Renan, uma sentença sobre que se erguerá o edifício da religião eterna. Fundou o culto puro, sem data nem pátria, o culto que todas as almas elevadas não de celebrar até o fim dos tempos. E também incutiu nessa samaritana a confiança e a fé na missão de que ela desde então ficou investida, qual a de pregar e difundir o ensinamento que recêbera do Divino Mestre.

Imbuídas, pois, desses princípios, que dimanam de manancial tão puro, devem as samaritanas, que hoje são diplomadas, exercer por atos, e não por palavras, a caridade compassiva e ativa, sem distinção do objeto dela, e também manter inabalável confiança na nobreza da missão que doravante lhes cabe desempenhar no cenário do mundo.

A amplitude desses sentimentos de fraternidade humana não deve, entretanto, obscurecer o amor que dedicamos à Pátria querida; pelo contrário, deve iluminá-lo mais intensamente, porque o patriotismo tem raízes profundas que vão buscar a seiva que o nutre

em toda a nossa história e tradição, escrita e formada pelo ingente trabalho dos nossos ancestrais.

Samaritanas, tomadas de sincero sentimento de piedade lidimamente cristã, que abrange a totalidade dos seres, mantemo-nos, todavia, integralmente brasileiras, amando e querendo a nossa terra, com um amor que não tem fim, nem conta, nem medida...

Imperecíveis títulos de benemerência engalanam já a CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, sobre a qual se desfolham em luminosa revoada, as benções dos que foram por ela socorridos, aqui e ali, no continente e fora dele.

Instituição formada segundo as regras fixadas na Conferência Internacional de GENEVRA, aqui, sob o influxo dos inefáveis primores da alma brasileira, ela viçou, cresceu e desenvolveu-se com tal exuberância que, à sombra das suas densas frondes, tem encontrado passível lugar de descanso e reconforto milhares de seres feridos pela desgraça.

A bondade, virtude primordial da alma humana por ser a que nos liga ao amantíssimo Pai Celestial, em fortes e indestrutíveis liames, forma o ambiente desta Instituição, na qual um sem número de almas serenas e bôas, apura o sentimento e pratica a caridade.

Antes de sairmos de sob estes tectos agasalhadores, nós, as samaritanas de 1942, rendemos à CRUZ VERMELHA BRASILEIRA — na excelsa pessoa do seu eminente presidente, general Dr. Sebastião Ivo Soares, boníssimo samaritano, pelos formosos dotes de coração

e pela benevolência — o nosso mais profundo reconhecimento, por todo bem que dela recebemos.

Presados Mestres.

Chegado é o momento de vos apresentar os nossos adeuses, unidas da saudade, que desde já sentimos, de deixar este instituto, e de dizer quanto é intensa a nossa gratidão pelo ensino proficiente, que tão magistralmente nos ministrastes.

As distintas professoras ELISABETH, MARIA ESOLINA e CACILDA MARTINS, trindade inconfundível de bondade, competência e gentileza, cuja irradiação nos envolveu numa carinhosa aura de animação, asseguramos de coração aberto e florido, com todos os primores do nosso sentimento, a nossa imorredoura gratidão.

Aos eminentes e preclaros mestres doutores major Arthur de Alcantara, provecto e criterioso diretor do curso, tenente coronel Marques Porto, Fraga Filho, Afonso Teixeira, Agenor Mafra e Souza Pinto, que nos deram no decurso dos nossos trabalhos o exemplo edificante de exatidão no cumprimento do dever e de zelo profissional, prestamos, agora, a pública homenagem do nosso alto apreço e grata admiração.

* * *

Senhor Ministro Oswaldo Aranha.

A medida que os trabalhos da última Conferência de Consulta dos Chanceleres das Repúblicas Americanas prosseguiram, o vulto de V. Excia., já merecedor, por vários e recomendáveis títulos, da gratidão nacional, emergia em inconfundível destaque no cenário

americano, até ultrapassá-lo, para tornar-se, como agora, um centro de convergência da atenção universal.

Nós todas acompanhamos, com solícito interesse, o desenvolvimento da empolgante ação de V. Excia., naquele congresso de chanceleres, até quando, em vibrante e eloquentíssima oração, V. Excia. apantou em largo gesto o caminho que a nação devia seguir como o único consentâneo com a sua história e aspirações.

Tão emocionadas ficamos com a sua enérgica e decisiva attitude, que rompemos o casulo da nossa obscuridade e ousamos impetrar a V. Excia. a graça de dignar-se de paraminfar a presente solenidade.

Por ter V. Excia. aquiescido tão cavalheirosamente ao nosso apelo, rendemos-lhe os mais sinceros agradecimentos.

*
* * *

Minhas colegas.

Sou muito grata por me haverdes indicado, para usar da palavra em nome da nossa turma nesta magna ocasião.

Foi um ato de gentil e cativante generosidade da vossa parte; mas, como vistes, nem sempre as ações generosas alcançam a merecida recompensa. O meu trabalho não correspondeu à vossa benévola intenção.

*
* * *

A oração é recurso que sempre aflorou aos lábios dos crentes nos dias de aflição.

Tem ela, quando provinda do imo dalma, força tão poderosa, que a torna capaz de remover montanhas e de operar milagres, segundo os evangelhos. Deve ser feita porem com muita fé, a-fim-de poder alçar-se à Providência e dela merecer a graça supplicada, cuja imagem virtual, claramente definida no plano mental do nosso entendimento, só assim poderá ser transportada, viva, à realidade.

A primeira condição pois, da eficiência da prece é a exata definição da graça desejada.

Devemos apelar para o recurso da oração, nesta situação especial do nosso país; mas é imprecindivel sabermos, bem nitidamente, o que desejamos alcançar da bondade infinita de Deus.

Lí alhures, que numa das ocasiões mais críticas da guerra de 1914, quando as potências centrais premiam violentamente os adversários levando-os de vencida no roldão esmagador de offensiva destruidora, o arcebispo primaz de Braga determinou às autoridades ecclesiásticas suas sufragâneas que exortassem os fiéis a formular ardentes preces pelo restabelecimento da paz.

Um dos membros mais eminentes da "Cruzada das Mulheres Portuguesas", agremiação que já havia prestado serviços de alta valia a Portugal, discordou dos fins da recommendação de S. Excia. Revma. e contra ella clamou, mais ou menos, nos seguintes termos:

"Não desejamos a Paz; o que nós queremos é a Vitória!

Os entes que nos são mais caros na terra — nossos pais, filhos, maridos, noivos — estão na frente de batalha. É possível que todos

pereçam aniquilados pelo imenso poderio bélico do inimigo. Isto será para nós, que vivemos do seu afeto, uma desgraça irreparável; nos causará acerbo sofrimento, que enlutará para sempre os nossos lares, já desertos e ermos da sua presença.

Mas *essa* desgraça, assim inominável, tão horrída; esse sofrimento, assim tão cruciante, será, não obstante a sua enormidade, bem menor do que o aniquilamento da nossa Pátria.

Ou vivam eles com honra, ou pereçam com glória" !

Certamente que a guerra cessará; a Paz há de surgir radiosa, porque nada no mundo é eterno. Mas a Paz que desejamos, há de ser honrosa como aquela, definida por LOWELL em versos imortais, que THEODORE ROOSEVELT aconselhou que fossem gravados na entrada dos palácios legislativos.

É para obtê-la que oramos e clamamos :

Vem ó Paz ! Vem ! Não triste e infusta como
um dobre,
A deshonra da Pátria e os mortos seus pranteando !
Vem, altiva ! Saudar um povo altivo e nobre,
Com o esplendor do triunfo em teus olhos brilhando !

4 alunas desta turma partiram para
a guerra.

Antonietta (Profissional de C.V)

{ Carmem Beltrão

{ Elsa Cansanção Medeiros

{ ~~Sara~~ de Castro

{ Virgínia Maria de Numey, Portocarreiro

Yagueline Vatel (Algerina) apresentou-se na Ma-
inha Francesa. (Argel)